

EDUCAÇÃO DO CAMPO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ADÃO PRETTO

Gabriel Barcellos Nunes[1]

José Guilherme Franco Gonzaga[2]

Annie Mehes Maldonado Brito[3]

Círculo de Saber 12: Formação da Juventude

Resumo: Este artigo analisa as percepções dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, localizada em Piratini/RS, sobre a Educação do Campo. A pesquisa qualitativa utilizou questionários anônimos, aplicados a 34 estudantes com idades entre 14 e 19 anos, buscando compreender suas representações acerca do conceito, da identidade e do papel da escola no processo formativo. As respostas evidenciam que os estudantes associam a Educação do Campo a termos como ensino, agricultura, oportunidade, saber, diversidade e sustentabilidade, ressaltando o vínculo entre escola, comunidade e território. Projetos como o das Sementes Crioulas, hortas escolares, feiras culturais e práticas agrícolas foram apontados como valorizadores da cultura local e dos saberes populares. Os resultados indicam que os estudantes reconhecem a escola como espaço de resistência, valorização da identidade camponesa e construção de oportunidades de futuro. O estudo conclui que a Educação do Campo, na perspectiva dos jovens, é um direito que fortalece a autonomia, a cultura e o pertencimento ao território.

Palavras-chave: Educação do Campo; Escola do Campo; Identidade camponesa

Introdução

Este trabalho é o resultado parcial de uma pesquisa em processo, que objetiva identificar as percepções sobre Educação do Campo em diferentes níveis de ensino. Por ora, apresentamos os resultados com estudantes da Escola de Ensino Médio Deputado Adão Pretto.

Os povos do campo sempre precisaram lutar pela sua existência, sobrevivência e acesso aos direitos básicos, como o de aprender a ler e escrever, a conhecer e a problematizar o mundo. No acesso à escola, esses sujeitos foram considerados os outros para o qual a educação precisava ser adaptada (ARROYO,

[1] Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Diretor da EEEM Deputado Adão Pretto. E-mail: gabrieljornal@gmail.com.

[2] Doutor em Educação. Professor na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: josegonzaga@unipampa.edu.br.

[3] Doutora em Psicologia. Professora na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: anniebrito@unipampa.edu.br.



2007). Durante alguns momentos históricos houve um movimento para que se criasse uma escola mais afeita às lides agrícolas, mas era pensada pelo agronegócio, no que ficou conhecido como ruralismo pedagógico (CHALOBA; MORAES, 2022). Diante disso e considerando que a escola no campo deveria atuar alinhada a construção de uma nova sociedade e às lutas pela terra e pela Reforma Agrária (CALDART, 2008), os movimentos sociais camponeses se organizaram no final da década de 1990 na construção do movimento “Por uma Educação do Campo”, que mais do que uma proposta pedagógica ou metodológica, é uma forma de pensar a escola dos camponeses pelos seus povos.

Na Educação do Campo, das Águas e das Florestas se vislumbra uma escola pensada pelos e para os camponeses e as camponesas. Junto aos movimentos sociais, especialmente o Movimento Sem Terra (MST), as universidades também passaram a se aproximar da construção da proposta, apoiando as escolas de educação básica e oferecendo cursos específicos na formação de professores para as escolas do campo. Integrados, têm lutado pela inclusão das Diretrizes Nacionais para a Educação do Campo (2001), princípios em que a escola deve refletir a vida, os interesses e as necessidades de desenvolvimento dos sujeitos e movimentos sociais relacionados à luta pela terra – sem-terra, quilombolas, ribeirinhos, pescadores, indígenas, entre outros – e não meramente reproduzir os valores do desenvolvimento urbano e da lógica rural capitalista.

Na Educação do Campo, os camponeses são os protagonistas da proposta, que considera a diversidade de crenças, culturas e formas de expressão, as características próprias de cada comunidade visando “valorizar e resgatar os saberes vindos da sociedade e que os estudantes trazem consigo, fruto de sua vivência” (XAVIER; FLÔR, 2015, p. 310). As escolas do campo, assim como os cursos universitários que atendem esses sujeitos, devem ser o lugar do diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade local dos estudantes, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho e sua cultura, em coexistência entre escola e comunidade e com sua existência sendo um contraponto “a uma lógica perversa de desertificação rural em curso pelo agronegócio” (MARTINS, 2020, p. 29).



Cabe analisar que nem todas as escolas que se localizam no campo atuam na perspectiva do movimento, não sendo uma decisão unilateral ser uma 'escola do campo': "Há história, reflexões conceituais e epistemológicas e construções coletivas que compõe a complexidade da questão" (MARTINS, 2020, p. 17). A escola do campo, na qual os estudantes da educação básica estudam ou onde os acadêmicos devem desempenhar suas funções exerce um papel fundamental nas comunidades, inclusive para garantir a sua existência e os seus processos de resistência, sendo também uma referência cultural importante: "É um espaço escolar que, apesar da dureza das circunstâncias, do descaso estatal e de todos os preconceitos, a esperança é uma constante" (MARTINS, 2020, p. 31).

Metodologia

A pesquisa foi realizada com 34 estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, em Piratini/RS. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário anônimo via Google Forms, composto por 11 questões, sendo duas objetivas e nove dissertativas.

Na etapa inicial, aplicou-se a técnica de evocação livre de palavras, em que os estudantes registraram as três primeiras palavras que lhes vinham à mente ao ouvir o termo "Educação do Campo". Um dos participantes não respondeu a esta questão. A análise privilegiou tanto a frequência de termos evocados quanto a interpretação qualitativa das respostas, evidenciando a partilha de experiências, valores e representações entre o grupo pesquisado.

As questões dissertativas foram analisadas de forma descritiva, buscando salientar as percepções individuais e também as recorrências coletivas, de modo a identificar sentidos compartilhados sobre a Educação do Campo.

O Contexto da Pesquisa

Abordamos um contexto de campo da região Sul, figurada pelo bioma Pampa, marcada pela pobreza econômica, mas com enorme diversidade biológica e cultural. Neste ínterim, Ribeiro (2003) pondera que os camponeses e os indígenas sofrem



um processo de extermínio direto ou indireto devido à exploração, expulsão da terra, privatização e apropriação dos recursos naturais, o que tem acontecido na região em questão com o avanço do agronegócio sobre comunidades tradicionais rurais.

Dentre as mobilizações por direitos que vêm se consolidando desde a 1ª Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998, está a consolidação da Educação do Campo em todos os níveis de ensino, como Direito dos Povos e Dever do Estado. Neste sentido, Gonzaga e Nunes (2023) consideram que as lutas pela concretização nos cursos de Educação do Campo, especialmente em alternância, proporcionam o acesso dos camponeses à universidade, conciliando trabalho e estudo e possibilitando a vivência de sua comunidade como local e objeto de estudos, continuando:

> Desta forma, o encontro entre Escola e Universidade tem cultivado a mística pela continuidade do direito à educação, reduzindo a distância entre o ensino médio e a universidade. Ampliando os horizontes e indicando a importância de romper as cercas e ocupar o latifúndio do saber, produzindo outras formas de conhecimento na universidade com a presença da juventude camponesa e quilombola da Escola Adão Pretto (GONZAGA E NUNES, 2023, p. 1075).

Essa aproximação entre os pesquisadores, de instituições de ensino público - educação básica e ensino superior, levam a realização desta pesquisa. A Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto foi fundada em 2013, a partir de um processo de luta que envolveu a comunidade do interior do município de Piratini e foi uma conquista de lideranças da comunidade e do Movimento Sem Terra (MST) da região. Desde então, funciona em prédio compartilhado com a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Vieira da Cunha. O Ensino Médio do campo atende 94 alunos oriundos do 1º, 2º e do 5º distritos do município de Piratini, filhas (os) de agricultores e pecuaristas familiares, assentados da Reforma Agrária e moradores de comunidades quilombolas.

Ainda quanto à escola, o educandário está em processo de mudança de sede para um local próprio que será doado pela Prefeitura de Piratini. Trata-se do prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Mário Quintana, que tinha 12 alunos e foi fechado no início de 2023. O espaço, que está sendo ampliado, fica na sede do Assentamento Conquista da Liberdade (antiga Cica), no 2º distrito do Município e a poucos quilômetros do prédio atual.



O público atendido pela escola vem ao encontro dos sujeitos da Educação do Campo, pois segundo Caldart (2021):

> Os sujeitos coletivos da Educação do Campo foram identificados logo no início desse percurso: são as diferentes formas de organização dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo; organizações camponesas, quilombolas, indígenas, sem-terra; de comunidades ribeirinhas, de assentamentos; de agricultores familiares, assalariados rurais; são comunidades que trabalham na terra. Classe trabalhadora do campo (CALDART, 2021, p. 356).

Percepções sobre a Educação do Campo

Entre os estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, obtivemos 34 respostas de estudantes com idades entre 14 e 19 anos. Das (os) participantes, 40% afirmam residir em Assentamento da Reforma Agrária, 10% em comunidades quilombolas, 20% em propriedades da agricultura ou pecuária familiar, 20% na periferia urbana e outros 10% declararam residir em outros locais.

Iniciamos questionando quais as três primeiras palavras que pensam quando confrontados com o termo “Educação do Campo”. As palavras mais evocadas foram: campo (9), sustentabilidade (5), educação (4), e com (3) frequências, as palavras rural, trabalho e pecuária. As palavras escola, ensino, conhecimento, plantação, animais, saber, aprendizado e agricultura apareceram (2) vezes cada. Outras palavras e/ou termos citados com (1) frequência foram: semente, gratidão por fazer parte escola do campo, agricultura, orgulho, produção, união, natureza, oportunidade, plantação, qualidade, cuidar do campo.

A análise evidencia que a palavra “campo” (9) é a mais fortemente associada ao termo “Educação do Campo”. Isso mostra a centralidade do território e do espaço rural na percepção dos estudantes. Em seguida, surgem “sustentabilidade” (5) e “educação” (4), indicando que os alunos relacionam a temática tanto à preservação ambiental quanto ao direito à escolarização.

As palavras “rural”, “trabalho” e “pecuária”, com 3 menções cada, reforçam a ligação entre a educação e as práticas produtivas características do meio rural. Esse conjunto de associações sugere que os estudantes concebem a Educação do Campo como algo profundamente enraizado em sua vivência cotidiana, que envolve



o espaço geográfico, a produção agrícola e pecuária, além de preocupações com a sustentabilidade e a valorização do saber escolar.

A palavra “semente” chama atenção por fazer uma relação com o projeto Sementes Crioulas: Liberdade e Soberania Alimentar, desenvolvido há alguns anos pela escola. Há a ocorrência também, como resposta, da frase “gratidão por fazer parte da escola do campo, tem muitas oportunidades” e chama a atenção a recorrência das expressões “plantação”, “agricultura” e a citação “cuidar do campo”, que remete a outras ideias já apresentadas pelas palavras citadas pelos educandos.

Em outro ponto, questionamos se os estudantes consideram identificar-se como estudantes “do campo, das águas e das florestas”, com 90% de respostas afirmativas. Na pergunta seguinte, foi indagado se acreditam que o conhecimento dos povos do campo, das águas, das florestas pode ser trabalhados na escola e auxiliar na construção do conhecimento, tendo-se como afirmativas a maioria das respostas, como comentários como ‘os conhecimentos desses povos são essenciais’ ‘ensinar as coisas do dia-a-dia’, ‘ajuda a aumentar a produtividade’ ‘tem muitos assuntos interessantes’, ‘através deles adquirimos conhecimentos, aprendemos técnicas e novidades que ajudam muito na vida no campo’, ‘os conhecimentos enriquecem o processo de aprendizagem e contribuem para a construção de uma educação mais justa e igualitária’, ‘podem ser trabalhados em projetos e trabalhos que os alunos possam compartilhar experiências’, ‘acredito que o conhecimento dos povos do campo, das águas e das florestas é fundamental e pode ser muito bem trabalhado nas escolas’.

Um dos estudantes apresenta sugestões na sua resposta: ‘incluir práticas de agroecologia no currículo, nós estudantes podemos aprender sobre o cultivo sustentável e a importância da biodiversidade’. Continuando, outro diz que é muito importante o conhecimento sobre a localidade onde moramos, como saber suas espécies e características. Uma das respostas questiona a formação dos professores da escola do campo para lidar com estes assuntos, no entendimento do aluno pesquisado que sugere “professores ou instrutores realmente capacitados para isso, ou seja, técnicos e agrônomos, isso iria construir um conhecimento de qualidade”.



Na próxima indagação, perguntamos o que entende por Educação do Campo e tivemos algumas respostas como “não sei’ e ‘nada’, mas a maior parte dos alunos elaborou uma resposta: “Ensino voltado pro campo e no campo” foi uma das principais respostas, que remete exatamente aos conceitos que viemos trabalhando neste texto. Outros consideram que se refere à melhoria de aprendizagem da cultura; qualidade de vida; “maneira de trabalho usada por aquelas pessoas que moram no campo garantindo sustentabilidade para os povos”; “parceria entre alunos e professores”; “muitas oportunidades”.

Aparecem também respostas mais complexas que sugerem “a valorização do campo como um espaço de vida, e desenvolvimento integral de seus moradores, considerando suas particularidades culturais, sociais e econômicas”. Continuando muitos afirmam ser uma educação sobre o campo, na área rural, um ensino que busca atender os moradores, que valoriza o modo de vida rural e o direito à educação de qualidade. O ensino com aulas práticas na natureza e uma educação que visa os saberes do campo, valoriza os seus alunos e dá oportunidades não somente para o conhecimento acadêmico, mas também para as experiências da zona rural foram também respostas que certamente, se respondidas com sinceridade apontam que a escola vem desenvolvendo atividades no sentido proposto pelos princípios do movimento da Educação do Campo. Identifica-se também em mais uma resposta:: “ensino voltado especificamente para as populações que vivem em áreas rurais, respeitando suas realidades, culturas, modos de vida e necessidades, valorizando a cultura local, formação e integração críticas”.

Perguntamos também quais projetos/atividades da escola, na opinião dos estudantes, valorizam a sabedoria popular e o conhecimento dos povos do campo, auxiliando na construção do conhecimento. As respostas foram trabalhos práticas; alguns projetos, como o das Sementes Crioulas, dias de campo, atividades voltadas para o campo, as feiras, cursos gratuitos que vem para escola, ensino da história e geografias locais, educação ambiental, visitas de estudo, projetos sobre o território, horta na escola, passeios pela comunidade e assentamentos, resgate da história local e eventos culturais, trabalho sobre o que produzimos, estudo das sementes, projetos que tenham relação com o meio rural, trabalho sobre as ervas medicinais e



sobre as abelhas. O projeto das Sementes Crioulas desenvolvido na escola aparece várias vezes nas respostas.

Para finalizar perguntamos quais projetos/atividades mais gostam de participar na escola e as respostas foram os projetos fora de sala de aula e como já era de se esperar aparece algumas vezes as aulas de Educação Física, somada a passeios e viagens. Aqui aparece também em mais de uma resposta o projeto de Plantio de Feijão Orgânico desenvolvido este ano na escola que conta com a distribuição de sementes de feijão e acompanhamento pela Emater local, entidade que presta serviço de extensão rural, e a comercialização mediada pela escola. Um dos estudantes chega a dizer sobre este projeto: ‘o único que me chamou atenção de verdade até hoje e que eu realmente sinto prazer em participar’. A invernada artística, os projetos que incluem viagens, as visitas a lugares históricos, as feiras culturais, a Mostra Científica e as práticas na natureza, as atividades das artes são recorrentes nas respostas. Três estudantes, porém, dizem faltar as suas áreas de interesse na escola.

Considerações Finais

A análise das percepções dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto revelou aspectos centrais que merecem ser discutidos de forma mais analítica. Para além da descrição das respostas, é necessário evidenciar como tais percepções dialogam com a literatura e com os desafios contemporâneos da Educação do Campo.

Primeiramente, a forte evocação do termo “campo” demonstra a centralidade do território como categoria formativa. Essa percepção conecta-se com o que CALDART (2009) denomina de identidade camponesa como eixo estruturante da Educação do Campo. Nesse sentido, a recorrência das palavras “sustentabilidade” e “trabalho” revela a articulação entre educação escolar e práticas socioeconômicas locais, apontando para a necessidade de currículos que integrem conhecimentos científicos e saberes populares.

Outro ponto a destacar é a valorização dos projetos escolares, como o das Sementes Crioulas, que aparece recorrentemente como prática significativa. Essa



constatação corrobora o que Xavier e Flôr (2015) afirmam sobre a relevância de espaços educativos que incorporem os saberes da comunidade. No entanto, a menção de alguns estudantes à ausência de áreas de interesse evidencia limitações do projeto pedagógico atual, indicando que nem todas as demandas juvenis têm sido contempladas. Esse dado sugere a necessidade de políticas escolares mais participativas, capazes de dialogar com a diversidade de interesses culturais e profissionais dos jovens do campo.

A presença de respostas que indicam desconhecimento sobre o conceito de Educação do Campo (“não sei”, “nada”) revela uma lacuna importante. Isso aponta para um desafio pedagógico: como consolidar a identidade camponesa se parte dos estudantes não se apropria do termo que fundamenta o projeto político-pedagógico da escola? Essa questão exige reflexão sobre as estratégias metodológicas e o papel da formação docente, como destacado por Arroyo (2007) e Molina (2010), que defendem a construção de práticas educativas que façam sentido para os sujeitos do campo.

Desta forma, observa-se que, embora a maioria dos estudantes valoriza a escola como espaço de resistência e pertencimento, há um tensionamento entre o reconhecimento do campo como espaço de vida e a necessidade de ampliar perspectivas de futuro. Esse paradoxo reflete o desafio histórico da Educação do Campo: ser, ao mesmo tempo, guardiã da identidade camponesa e promotora de novas oportunidades de mobilidade social e educacional.

Assim, a ampliação da discussão permite compreender que a Educação do Campo na Escola Adão Pretto não se reduz à oferta de ensino formal, mas constitui-se em campo de disputas simbólicas, culturais e políticas. Valorizar tais dimensões é essencial para fortalecer o projeto pedagógico e contribuir para a construção de uma educação crítica, emancipadora e comprometida com a realidade camponesa.

A pesquisa, por fim, demonstrou que os estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto reconhecem a Educação do Campo como um espaço formativo que ultrapassa os limites do ensino tradicional. Os estudantes se identificam como sujeitos do campo e atribuem importância à escola não apenas como lugar de acesso ao conhecimento, mas também como espaço de preservação cultural, social e econômica de suas comunidades, concluindo-se que percebem a



Educação do Campo como resistência e pertencimento, ao mesmo tempo em que apontam para a necessidade de políticas públicas que assegurem a qualidade do ensino, a valorização da cultura local e a integração entre escola, comunidade e território.

Referências

ARROYO, M. **Políticas de formação de educadores(as) do campo.** Campinas: UNICAMP, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Parecer CNB/CEB nº 36/2001: **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: CNE, 4 de dezembro de 2001.

CALDART, R. S. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, 2009.

GONZAGA, G; NUNES, G. **A Educação do Campo no encontro da Universidade com a escola básica do campo.** Anais do IV Encontro Internacional de Educação do Campo, das Águas e das Florestas, p. 1071-1076. Cascavel: Unioeste, 2023.

MARTINS, F. **A escola e a educação do campo.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

MOLINA, M. **Educação do campo e pesquisa II**. Brasília: MDA/MEC, 2010.

RIBEIRO, S. **Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização**. In . In CARVALHO, Horácio Martins de. Org. Semente: patrimônio do povo a serviço da humanidade. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

XAVIER, P.; FLÔR, C. **Saberes Populares e Educação Científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciências.** Belo Horizonte: Revista Ensaio, 2015.